



**CULTURA DE AUTOAJUDA E DOCTRINA TERAPÊUTICA:
PROBLEMATIZANDO PRÁTICAS DE GOVERNAMENTO DA MATERNIDADE
PRESENTES NO LIVRO COMO DESENVOLVER A AUTOESTIMA DE NOSSAS
FILHAS**

Rodrigo Saballa de Carvalho - UFFS
Juliana Ribeiro Vargas - PPGEduc/UFRGS

Resumo: O presente trabalho, constituído a partir das contribuições dos Estudos Culturais em Educação e dos Estudos de Gênero em sua vertente pós-estruturalista, tem como objetivo a problematização dos discursos provenientes da cultura de autoajuda e da doutrina terapêutica, presentes no livro: *É uma menina!* Como desenvolver a autoestima de nossas filhas escrito por Virginia Rutter. Trata-se de uma obra endereçada ao público feminino, que prescreve os modos como as mães devem relacionar-se com suas filhas desde o nascimento, tendo em vista a criação de mulheres autônomas, seguras e exitosas em todos os âmbitos de suas vidas. Através da descrição de rituais de celebração, que a mãe deve desenvolver com a filha, evidenciam-se estratégias de governo. Por essa via de análise, são discutidos os modos como o livro enquanto artefato cultural, investido de conselhos e regulações morais, opera no governo da maternidade, ensinando a mãe leitora, a conduzir sua vida e a vida de sua filha.

Palavras-chave: Gênero – maternidade – governo – discurso

Introdução

Atualmente no contexto brasileiro, é possível observar uma difusão cada vez maior de livros de literatura de autoajuda, que tem como objetivo orientar as famílias em relação aos modos como devem educar as crianças. Essas obras ao lado de um diversificado repertório de artefatos culturais, como revistas, programas de televisão, cadernos especiais de jornais, blogs, sites na internet e manuais, atuam como difusoras de uma doutrina terapêutica fundamentada na psicologia – que prescreve técnicas e métodos referenciados em uma espécie de disciplina mental e comportamental que é considerada supostamente capaz de resolver todos os problemas relacionados com a educação das crianças. Esses guias práticos, de cunho acentuadamente moral, se tornaram uma tendência editorial, a ponto transformarem muitos autores do gênero em reconhecidos especialistas educacionais. A partir de seus discursos doutrinários e promotores do alastramento da culpa e da má consciência, tais autores prescrevem metodologias supostamente eficazes para educação das crianças. Por essa razão é importante destacar, a partir dos estudos de Illouz (2010), que esse tipo de doutrina terapêutica, apresentada nos artefatos citados, teve suas condições de emergência na

Modernidade – sendo herdeira dos códigos de conduta que surgiram a partir do século XIX. A partir de uma tradição iluminista, esse tipo de doutrina, ensina que o “verdadeiro” mundo é aquele explicado pelas ciências (regidas pela ordem e validadas por evidências), fundamentadas no método científico, como no caso dos discursos emergentes da psicologia, através dos quais nos inventamos como indivíduos com necessidades a serem conhecidas, categorizadas e controladas. Pode-se afirmar que esse tipo de doutrina terapêutica se baseia na burocratização, no narcisismo, na construção de um falso eu, no controle das vidas por parte do Estado, no colapso das hierarquias culturais e morais, na intensa privatização da vida, no vazio do eu, na vigilância em grande escala, na expansão do poder, na legitimação estatal e na “sociedade de risco”, que promovem a necessidade das famílias buscarem auxílio para educação das crianças, em um contexto social cada vez mais ambivalente, cuja marca contemporânea é a incerteza no futuro. A partir de tal exposição, é preciso esclarecer que o conceito de discurso, no presente trabalho esta sendo entendido a partir de uma perspectiva foucaultiana. Em tal perspectiva, discurso é considerado como um produtor de verdades e como um dispositivo estratégico de relações de poder. Por isso, é importante destacar, que os discursos também são entendidos como práticas organizadoras da realidade, pois estabelecem hierarquias e distinções, articulando o dizível e o visível. Tal articulação possibilita depreender que os discursos constituem os sujeitos e os objetos dos quais tratam, já que eles estão inscritos em formas regulamentadas de poder e estão sempre sujeitos a múltiplas coerções. Essa noção de discurso rompe com os sentidos comumente utilizados na linguística (nos métodos interpretativos) e nas análises fenomenológicas, nas quais se destaca uma dicotomia entre os fenômenos da língua social e da fala individual, uma vez que o discurso é entendido por tais campos apenas como realização da fala de um sujeito produtor de significados. Essas perspectivas procuram deduzir do discurso algo que (supostamente) se refere ao sujeito falante, buscando reencontrar as (verdadeiras) intencionalidades do mesmo.

Nesse contexto, torna-se relevante esclarecer, a partir de Foucault (1987, p.56), que os discursos são “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam”. Pode-se então, depreender que os discursos decorrentes das doutrinas terapêuticas presentes nas obras de autoajuda podem ser considerados práticas discursivas. E se, como coloca o referido autor (*Idem*, 2005, p. 8): “a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos”, é profícuo pensar que as práticas discursivas também assim operem. Desse modo, cabe então questionar: Que discursos são legitimados para falar sobre as crianças? Que conselhos/prescrições (estratégias discursivas) são priorizadas para orientar as

condutas das mães na educação das meninas? De que modos os discursos da doutrina terapêutica por meio da cultura de autoajuda, promovem uma determinada metodologia de educação da infância e definem um determinado modo de se educar uma menina, para que mesma obtenha êxito em sua vida?

Tomando como ponto de partida, as referidas questões, é importante ressaltar que o presente trabalho, constituído a partir das contribuições dos Estudos Culturais em Educação e dos Estudos de Gênero em sua vertente pós-estruturalista, tem como objetivo problematizar os discursos de autoajuda e de generificação da infância, presentes no livro: *É uma menina!* Como desenvolver a autoestima de nossas filhas, escrito pela psicoterapeuta Virginia Rutter. Trata-se de uma obra traduzida da língua inglesa, sucesso editorial em nosso país, endereçada ao público feminino, que prescreve os modos como às mães devem relacionar-se com suas filhas desde o nascimento até a adolescência, tendo em vista a criação de mulheres (supostamente) autônomas, seguras e exitosas em todos os âmbitos de suas vidas. A partir da análise do livro, procura-se evidenciar como tal artefato cultural, investido de conselhos, prescrições e regulações, sugere práticas específicas que as mães devem conduzir em suas vidas, relacionando-se com os outros e consigo mesmas, em nome de certas políticas de verdade (que são apresentadas na obra de modo naturalizado e indelével ao gênero feminino) para o exercício de uma maternidade exitosa. A partir de indicações minuciosas, a obra enquanto guia de conduta, procura normatizar e regular os comportamentos da leitora, na direção de que a mesma atinja o objetivo de criar uma filha que acredite em si mesma. Através da descrição de rituais de celebração, que a mãe deve desenvolver cotidianamente com a filha, são evidenciadas produtivas estratégias de governo, difusoras de uma doutrina terapêutica que deve ser seguida pela leitora para obtenção de sucesso e reconhecimento enquanto mãe responsável pela educação de meninas.

Em tal perspectiva analítica, também cabe esclarecer que o conceito de governo esta sendo entendido a partir de uma perspectiva foucaultiana, referindo-se a qualquer direcionamento calculado da conduta humana. O governo é entendido como conduta da conduta – como qualquer modo mais ou menos calculado de direcionamento de nossos comportamentos ou ações. Nesse sentido, Foucault (2008, p.255) destaca que “a conduta é a atividade que consiste em conduzir, mas é também a maneira como uma pessoa se conduz, a maneira como se deixa conduzir, a maneira como é conduzida” e também como se comporta “sob o efeito de uma conduta que seria ato de conduta ou de condução”. Para o filósofo, a noção de conduta, com o campo que ela abarca, foi sem dúvida um dos elementos fundamentais introduzidos pelo pastorado cristão na sociedade ocidental. Assim, é possível

dizer que o termo conduta, nesse sentido, além de referir-se aos nossos comportamentos e ações, também se relaciona às noções morais de autogestão e de autorregulação – as práticas de si. Porém, convém esclarecer que essas práticas de si não operam somente de acordo com nossos interesses, pois, muitas vezes, estão envolvidas diretamente com as relações pelas quais somos capturados e produzidos, como no caso da obra em análise, que opera no governo da maternidade. Uma obra escrita para ser vivenciada, através de regras, orientações, conselhos e sugestões de rituais celebrativos que implicam em usos e práticas diversas como poderá ser acompanhado no excerto que será apresentado a seguir.

“Os ritos de passagem podem assumir várias formas, algumas simples, outras elaboradas. *Vários rituais são sugeridos neste livro. Você pode criar os seus, planejando-os passo a passo, ou se perceber espontaneamente realizando rituais informais com sua filha.* À medida que seu relacionamento com ela se aprofunda, os diálogos íntimos podem adquirir uma conotação de ritual. *Se preferir organizar rituais mais completos para sua filha, você pode escolher um elemento de um dos capítulos desse livro ou combinar vários capítulos para realizar uma cerimônia mais sofisticada. Uma simples olhada nos diversos capítulos, lhe dará condições de improvisar naturalmente ou mesclar elementos* que possuam um significado especial para sua filha ou família” (RUTTER, 1998, p.139 – *grifos meus*).

Mediante o excerto apresentado, é possível evidenciar que o governo refere-se a (qualquer) tentativa deliberada de conduzir aspectos dos comportamentos das pessoas. Tal condução ocorre a partir de normas particulares que se operacionalizam através de práticas desenvolvidas por uma multiplicidade de autoridades e de agências (como o livro em questão), que procuram, através do emprego de uma variedade de técnicas e saberes, exercer o governo por meio das escolhas, desejos, aspirações e identificações do indivíduo. Portanto, o governo não se caracteriza pelas ações de um sujeito político ou de operações desenvolvidas por mecanismos burocráticos, mas pela unificação de estratégias produtivas que têm o intuito de atingir fins políticos, conduzindo a todos e a cada um, através de um processo que, ao mesmo tempo, individualiza, totaliza e normaliza. Estratégias que podem ser descritas pela ação calculada sobre as forças dos indivíduos, das atividades exercidas e das relações que constituem a população. Observa-se, desse modo, que a questão em pauta não é nunca da ordem da coerção e dos constrangimentos exercidos sobre a massa dos governados, mas da produção de cidadãos intervenientes nos jogos e nas relações de poder, os quais supostamente vivenciam mais autonomia e liberdade.

Nesse sentido, o dito por Veiga-Neto (2000, p.186) corrobora com tais argumentos quando o autor afirma, entre outros aspectos, que o bom governo é aquele que governa de modo econômico, “procurando obter maiores resultados com mínimo esforço tanto no que se refere às questões monetárias e financeiras, como também em relação ao tempo, aos afetos,

ao prazer e a felicidade”. Em suma, o governo depende do conhecimento e da produção de verdades que personificam o que será governado, tornando tal prática pensável e calculável, como pode ser percebido na orientação transcrita a seguir.

“Há várias maneiras –*sutis* – de inculcar na vida da menina uma consciência de seus dons femininos. Um pequeno ritual diário que tenho com minha filha é tomar chá, momento em que conversamos sobre os acontecimentos do dia. Bater um papo um pouco antes de dormir, enquanto penteio seus cabelos é outro momento íntimo, em que lhe dou atenção ouvindo suas ideias” (RUTTER, 1998, p.20- *grifos meus*).

A partir de tal exposição, é importante reiterar que o conceito de governo esta sendo entendido no presente trabalho, como um produtivo conjunto de práticas estratégicas e abertas que indicam as formas por meio das quais se podem *conduzir as* condutas de si e dos outros, através de um jogo ininterrupto – que seduz e regula, suscitando apetites e desejos. Por esse motivo, são discutidos os modos como o livro, investido de conselhos e regulações morais, opera no governo da maternidade, ensinando a mãe leitora, a conduzir sua vida, a conduzir a vida de sua filha, a relacionar-se consigo mesma e com os outros em nome de verdades fundamentadas no campo da psicologia e das vivências maternas e profissionais da autora enquanto psicóloga clínica. Nesse sentido, no decorrer do trabalho, serão analisadas as estratégias discursivas utilizadas pela autora, os saberes e poderes que são colocados em circulação na subjetivação da leitora e, sobretudo na produção de uma imagem de feminino, que deve ser alcançada para criação de uma menina bem sucedida e segura de suas escolhas. No intuito de visibilizar as estratégias discursivas presentes na obra, o trabalho esta organizado em três tópicos analíticos. No primeiro tópico intitulado: Celebremos as meninas: criando uma menina que acredita em si mesma, são evidenciados os modos como a autora apresenta lições de feminilidade e de governo da maternidade. No segundo tópico, cujo título é: Celebrações: banho, vestuário e cabelos – rituais promotores da autoestima feminina são apresentados e discutidos alguns rituais descritos na obra, como meio de fortalecer a autoestima das meninas desde o nascimento e os modos como os mesmos operam na definição do que seria uma educação adequada. No terceiro tópico, são apresentadas as considerações finais do trabalho, destacando as possibilidades de problematização dos discursos que prescrevem modos únicos de exercício da maternidade no contexto social contemporâneo.

Celebremos as meninas: criando uma menina que acredita em si mesma

“Esse livro é minha *exaltação às meninas e um auxílio na formação e no desenvolvimento de sua autoridade*. Abordar a questão é tudo o que podemos fazer

para ampliar a autovalorização feminina de nossas filhas” (RUTTER, 1998, p.11-*grifos meus*).

“Tanto mães como outras mulheres adultas que participam da vida de meninas podem *criá-las como espíritos femininos vitais e intactos*, por meio de cuidado amoroso e desafios saudáveis realizados de forma proveitosa” (RUTTER, 1998, p.11- *grifos meus*).

“*Educação e libertação se iniciam com a celebração do corpo feminino desde o nascimento*. As primeiras intimidades – o banho, o lavar e pentear os cabelos – são oportunidades de desenvolver em uma garota a valiosa noção de si mesma, necessária no combate às mensagens negativas que receberá toda a vida por ser mulher” (RUTTER, 1998, p.12- *grifos meus*).

[...] uso a palavra *celebração com o cuidado consciente que você deve ter ao fazer com que as meninas de sua vida sintam que são importantes para você*, para a família, para a comunidade... e para o mundo” (RUTTER, 1998, p.12 – *grifos meus*).

“É uma menina! É um trabalho de análise de histórias e comemorações para que as mães, avós, madrinhas e outras mulheres que tenham relacionamentos próximos com as meninas possam, diariamente, *apoiar sua feminilidade e celebrar as passagens significativas de suas vidas*. Todos os capítulos abordam o desenvolvimento feminino, do nascimento à puberdade. Cada capítulo destaca um aspecto positivo do *relacionamento íntimo* com as meninas, que seja significativo para a identidade e para autoestima femininas” (RUTTER, 1998, p.12- *grifos meus*).

“*Se a mãe ou outra mulher em quem confia for um modelo de feminilidade, a menina se verá refletida em tal modelo*; terá alguém com quem competir. O pai, ou qualquer outro homem, não pode espelhar sua feminilidade dessa forma. *Modelos femininos constituem o fator mais importante para que ela possa desenvolver uma profunda noção de (auto) eficácia*, ou seja, para que acredite que é competente para realizar com sucesso determinadas tarefas” (RUTTER, 1998, p.17 – *grifos meus*).

“O livro que você tem em suas mãos é destinado a ajudá-la a *educar e encorajar as meninas que fazem parte de sua vida*” (RUTTER, 1998, p.16 – *grifos meus*).

“Você deve usar a imaginação e o seu conhecimento a respeito de sua filha, neta, sobrinha ou “irmãzinha” para *criar as celebrações que forem importantes para ela*” (RUTTER, 1998, p.13 – *grifos meus*).

“É necessário iniciarmos as *celebrações antes que nossas filhas se tornem adolescentes e se tranquem em seu universo*, onde somente é permitida a entrada de outros adolescentes” (RUTTER, 1998, p.14 – *grifos meus*).

“*Onde estão os rituais modernos com que posso educar minha filha, celebrar sua feminilidade*, elevar sua autoestima e ajudá-la nas transições de bebê a criança e adolescente?” (RUTTER, 1998, p.15 – *grifos meus*).

“Há várias maneiras – algumas incisivas, outras sutis – de inculcar na vida da menina uma *consciência de seus dons femininos*. Um pequeno ritual diário que tenho com minha filha é tomar chá, momento em que conversamos sobre os acontecimentos do dia. Bater um papo um pouco antes de dormir, enquanto penteio seus cabelos é outro momento íntimo, em que lhe dou atenção ouvindo suas ideias” (RUTTER, 1998, p.20 – *grifos meus*).

A partir da leitura dos excertos apresentados, é possível visualizar uma série de palavras de ordem, tais como: celebração, exaltação, autoridade, espírito feminino, educação,

libertação, feminilidade, relacionamento íntimo, modelo, encorajamento, dons, rituais – que constituem o vocabulário utilizado pela autora para prescrever em sua obra um modelo ideal de educação para criação de meninas com autoestima elevada. Um vocabulário que através de seu caráter instrumental opera no governo da maternidade enfatizando um modelo padrão de feminilidade e produz um determinado tipo de subjetividade materna. Conforme Silva (1998), a subjetividade (aquilo que caracteriza o sujeito, nesse caso como “mãe que desenvolve a autoestima de sua filha”) não existe nunca fora dos processos sociais, sobretudo, na ordem discursiva que a produzem como tal. Isso quer dizer, que subjetividade e relações de poder não se opõem, pois a mesma é um artefato, é uma criatura das relações de poder. No âmbito, da produção da subjetividade materna, é possível perceber que a palavra chave é celebração, pois conforme a autora é através da proposição de rituais celebrativos que a mãe desenvolve na filha a capacidade de acreditar em si mesma e de superar todos os obstáculos que aparecerem em sua vida. A celebração é utilizada como uma estratégia de governo para que a leitora, ao desejar ser a mãe exitosa proposta pela publicação, operacionalize na educação de sua filha as prescrições descritas pela autora. Para tanto, a autora fundamenta-se em sua experiência como mãe que obteve sucesso na criação de sua filha e também em relatos de casos que atendeu em sua clínica, orientando mulheres em relação aos modos adequados de educar meninas para que se tornem mulheres potentes e exitosas. O texto em tom de um diálogo envolvente, “captura” e “seduz” a leitora, através de seus vocabulários, linguagens e gramáticas específicas, mostrando sempre que a mesma é livre para fazer suas escolhas, mas que se optar pelo modelo de educação feminino apresentado, o seu sucesso como mãe será garantido. Tal colocação evidencia que as práticas de governo, postas em funcionamento nos discursos do livro, fazem com que a leitora, se relacione com as verdades propostas, se identifique com um determinado estilo de maternidade e seja incitada e mobilizada a assumir a posição de mãe que desenvolve a autonomia, a segurança e o orgulho de ser mulher em sua filha, através da operacionalização em sua vida diária de um conjunto de práticas de governo, como poderá ser acompanhado nos excertos que serão apresentados na sequência.

“Confie em seus instintos quando celebrar as meninas de sua vida. Dependendo da idade e do temperamento da menina, e da passagem a ser comemorada, pode-se criar uma cerimônia que dure vários dias, ou uma que termine em dez minutos. Lembre-se: o melhor é encontrar algum tempo, durante o dia, para os momentos íntimos ou sagrados. Assinalar a transição de um estágio da vida para outro, mesmo que de maneira simples e espontânea, é mais importante que deixá-la passar despercebida. Portanto, aproveite cada momento” (RUTTER, 1998, p.24 – grifos meus).

“A base para celebração das meninas é ensiná-las a desfrutar de tranquilos momentos de solidão para que possam entrar em contato com seus sentimentos, pensamentos e sonhos. A autoestima é construída sobre a fundação de uma forte vida interna; uma menina que possui uma vigorosa noção de quem é e de suas convicções não cederá às pressões de colegas destrutivos” (RUTTER, 1998, p.19).

“As celebrações também servem para ampliar o significado da vida da menina, o que, internamente, a prepara para o ciclo de menstruação que se inicia na puberdade” (RUTTER, 1998, p.21 – *grifos meus*).

“Para você, mãe a ritualização das transições de sua filha se converte em uma oportunidade de auto-renovação. *Celebrar sua filha é celebrar a si mesma* – e este é o mistério mãe-filha” (RUTTER, 1998, p.23).

“As festas de aniversário são rituais anuais, que temporariamente nos desviam da rotina diária para que assinalemos os anos, conforme ficamos mais velhos. Mas o significado mais profundo é o de comemorar o nascimento – o próprio ato de viver. Mais tarde, *as meninas poderão, por sua vez, alimentar uma vida que crescerá dentro delas*. Muitas mulheres, por ocasião do aniversário das filhas, mentalmente revivem suas experiências com o parto” (RUTTER, 1998, p.20 – *grifos meus*).

“*Demonstre a sua filha que você valoriza o cuidado com o lar*, mesmo que ela ainda seja pequenina, peça-lhe que execute pequenas tarefas domésticas. Essa é uma *forma de compensar o hábito, presente em nossa cultura, de subestimar o trabalho doméstico feminino*. Vi sempre fez Sherry, sua filha mais nova, participar de tarefas como fazer as compras, cozinhar, cuidar do jardim, e hoje acredita que a forte autoestima feminina de Sherry origina-se, parcialmente, do fato de ter se habituado a ajudar a mãe em vários afazeres domésticos” (RUTTER, 1998, p.51- *grifos meus*).

“Cada *celebração ou rito de passagem pode incluir uma refeição especial*, não importa se simples ou sofisticada: um piquenique em uma linda região arborizada, uma refeição à sombra de uma árvore do jardim, um jantar em família, ou no restaurante predileto de sua filha” (RUTTER, 1998, p.52- *grifos meus*).

“No plano emocional, *a celebração constitui uma forma de aliviar a ansiedade e de resolver as dúvidas e temores* que sempre estão presentes em momentos de transição” (RUTTER, 1998, p. 21- *grifos meus*).

Os excertos apresentados destacam os modos sutis de como as mães são mobilizadas a seguirem os conselhos da autora. As mães são incitadas a seguirem os conselhos, não por coerção ou inculcação dos discursos presentes na obra, mas porque são informadas sobre as vantagens de educarem as filhas conforme a doutrina terapêutica proposta, acreditando que essa é uma escolha pessoal e que as prescrições que constam no manual de autoajuda são o melhor caminho a ser seguido. Em tal contexto, a mãe é vista como sujeito de suas escolhas, pois a ela é atribuída à possibilidade de pensar que pode “livremente” definir os modos de educar sua filha – apenas seguindo as orientações da autora enquanto interlocutora e especialista na criação de mulheres bem sucedidas. Desse modo, é possível dizer que os efeitos do poder se tornam invisíveis e ainda mais produtivos, mostrando-se muito mais potentes do que se fossem da ordem da violência.

Celebrações: banho, vestuário e cabelos – rituais promotores da autoestima feminina

“O *banho*, quando visa ao relaxamento ou à celebração, não tem de ser restrito ao banheiro; pode-se *aproveitar qualquer local em que haja água*, seja artificial ou natural. *Piscinas, banheiras ou fontes de água mineral se revelam como excelentes lugares para banhos comemorativos*. Lagos, rios, oceanos também oferecem oportunidades, tanto espontâneas quanto planejadas. *Banhar-se num rio nas montanhas, num dia quente de verão ou brincar na espuma das ondas, na praia, podem ser rituais simples e inesquecíveis*, além de criarem uma chance para que você conte à sua filha histórias de sua infância” (RUTTER, 1998, p.37- *grifos meus*).

“Antes de uma festa ou ocasião importante para ela, *um banho especial é uma maneira maravilhosa de se preparar para a experiência*, física e emocionalmente, através do ritual de banhar-se, vestir-se e arrumar-se” (RUTTER, 1998, p.37- *grifos meus*).

“Desde pequena uma menina pode aprender a utilizar a *hora do banho* não só como um momento para higienizar seu corpo, mas também para *pensar em si mesma*” (RUTTER, 1998, p.36 – *grifos meus*).

“Quando eu era menina, no período entre o jardim de infância e a quarta série, todas as manhãs *minha mãe trançava meus longos e volumosos cabelos castanhos*. Ela fazia uma trança de cada lado de meu rosto, e depois as arranjava e prendia no alto da cabeça, formando uma coroa. *Eu amava esse ritual diário – a sensação de suas mãos desembaraçando meus cabelos, os movimentos delicados para que as tranças ficassem impecáveis, seu encaixe perfeito, conforme eram presas com pequenos grampos*. O resultado – uma reluzente coroa, sem deixar nenhum grampo à mostra – ficou gravado para sempre em meu rosto alegre e sorridente, na fotografia de quarta-série” (RUTTER, 1998, p.55 – *grifos meus*).

“Ao criar adornos para cabelos e arrumar os cabelos da filha, Rose *também estava estimulando o desenvolvimento da mente* de Daria. Sempre apoiou que a filha fizesse sozinha as lições de casa, embora *ajudasse quando necessário*” (RUTTER, 1998, p.60 – *grifos meus*).

“As *roupas*, da mesma forma que o *estilo dos cabelos*, são *elementos de auto-expressão* e, portanto, podemos *ampliar a independência de nossas filhas deixando que escolham o que preferem vestir*. Isso nem sempre é fácil, pois quando vestimos nossas filhas, em geral, inconscientemente estamos representando nossas próprias histórias pessoais” (RUTTER, 1998, p.70 – *grifos meus*).

“O *desenvolvimento social* é importante para que *a menina se sinta dona de si*, mas se você não quiser que sua filha seja uma “*maria-vai-com-as-outras*” precisará criar condições para que ela se sinta capaz de fazer suas próprias escolhas e mudanças, sem aceitar pressões vindas de você ou das amigas” (RUTTER, 1998, p.71 – *grifos meus*).

Os rituais de celebração são a tônica da obra. Mas o que é uma celebração? As celebrações são comemorações que devem ser realizadas entre mãe e filha (ou ainda na companhia de outras mulheres) para registrar a importância das passagens significativas (de ordem física e emocional) que ocorrem na vida da menina, tais como: a entrada na escola, os desafios enfrentados com êxito na escola, com as amigas, com as colegas, com os professores, a concretização de seus desejos, a primeira menstruação, as mudanças físicas em seu corpo, os

seus aniversários, os passeios com as amigas, entre outras ocorrências que tenham significado especial para menina que se encontra em desenvolvimento. Desse modo, a autora afirma que as celebrações são procedimentos eficazes para mãe estabelecer uma espécie de vínculo positivo com a filha – um vínculo de cumplicidade entre mulheres. Na descrição das celebrações apresentadas pela autora, é possível perceber a utilização de palavras como autoestima, autonomia, confiança, cumplicidade, potencialidade, competência – que reforçam o argumento da autora, a respeito da importância de capacitar as meninas para enfrentarem uma sociedade extremamente marcada pela exclusão das mulheres. Desse modo, é recorrente o pressuposto de que as ações e atitudes dirigidas às meninas terão consequências no comportamento futuro delas, seja nos relacionamentos amorosos, na vida profissional ou social. Partindo de tal pressuposto, a autora enfatiza a importância da celebração, enquanto uma estratégia saudável em termos físicos, psíquicos e espirituais para que as meninas cresçam felizes, produtivas, combativas e com a autoestima elevada.

Pelos motivos apresentados, a realização das celebrações desde o nascimento da menina até o início da adolescência (período descrito pela autora como sendo crítico, pelo fato de ser marcado pela introversão e afastamento das meninas em um mundo próprio) é considerado como meio de capacitar (treinar) as meninas para enfrentarem com aptidão o mundo e as discriminações sociais que irão sofrer por terem nascido mulheres. Nessa perspectiva, as celebrações são apresentadas a partir de um discurso prescritivo e aconselhador, algumas vezes tomando forma de uma conversa entre narradora e leitora (onde a primeira aconselha a segunda), outras vezes como provérbios e afirmações universais que se pretendem aplicadas a diferentes contextos e situações. O eixo fundamental dos discursos é a ideia de que as leitoras podem alcançar o sucesso na educação de suas filhas, através da utilização e administração de seus “recursos interiores”, ou seja, de suas experiências enquanto mulheres, que tem a oportunidade (ou melhor, o dever) de capacitarem as meninas por meio de celebrações. Dentre os principais rituais apresentados e sugeridos na obra, é possível destacar o banho (descrito como alimento da integridade emocional das meninas) o cuidado com os cabelos (apresentado como meio de libertação da mente da menina) o vestuário (como estratégia eficaz para o desenvolvimento da consciência social e expressão de uma identidade tipicamente feminina, em que a menina aprende a exaltar sua feminilidade e a desenvolver o orgulho de ser mulher).

Considerações Finais

Através da análise das práticas de governo postas em funcionamento por meio dos discursos oriundos da cultura de autoajuda e da doutrina terapêutica, problematizados nas análises apresentadas, foi possível visibilizar algumas estratégias de governo presentes na obra: *É uma menina!* Como desenvolver a autoestima de nossas filhas. Tais estratégias são operacionalizadas a partir dos rituais de celebração realizados entre mãe e filha, descritos e sugeridos pela autora, como meio eficaz de desenvolvimento da autoestima das meninas. As celebrações podem ser entendidas como estratégias de governo que visam à regulação e homogeneização dos comportamentos das meninas, a partir de uma educação que supostamente privilegia o desenvolvimento da autoestima das mesmas. A perspectiva de maternidade apresentada na obra analisada é unívoca e essencialista, pois considera a maternidade enquanto um atributo natural das mulheres (uma espécie de dom divino) que deve ser desenvolvido (exercitado) através dos rituais celebrativos descritos e sugeridos pela autora. Na mesma direção, a tônica dos discursos, apresenta a educação das meninas como uma tarefa exclusivamente feminina e doméstica, em que a participação dos pais, ocorre somente no provimento das necessidades financeiras da família. Por meio das estratégias de governo empregadas nos diálogos de autoajuda presentes na obra, a autora conduz as condutas maternas, fazendo circular saberes e poderes que atuam de modo econômico (e extremamente eficaz) na subjetivação materna e de modo correlato no disciplinamento dos corpos das meninas – constituindo-se como uma potente tecnologia que visa o governo das famílias e das infâncias.

Na contramão de tais discursos naturalizados a respeito do suposto modo adequado de ser mãe, Meyer (2000) afirma que os significados da maternidade que permitem às mulheres sentirem-se enquanto mães são construções discursivas, datadas e produzidas no interior de culturas específicas – não tendo nada de natural e indelével ao gênero feminino. Corroborando com tal argumento Tubert (1996), afirma que a equação mulher igual a mãe não responde a nenhuma essência, mas, longe disso, é uma representação – ou um conjunto de representações – produzidas pela cultura, sendo totalmente arbitrário apontarmos modos de exercício da maternidade. A partir de tais colocações, é possível inferir que o exercício da maternidade é produzido no âmbito da cultura, de que não existem métodos eficazes de educação de meninas (ou meninos), mas caminhos que são construídos (e reconstruídos) pelos indivíduos a partir das experiências que estabelecem com seus pares no contexto social em que vivem. Por essa razão, torna-se necessário (e extremamente urgente), perscrutarmos os discursos presentes nos artefatos culturais destinados à educação das crianças (como no caso das análises apresentadas no presente trabalho) tendo em vista a problematização dos mesmos

e a desconstrução de seu caráter naturalizado, já que o sujeito em uma perspectiva pós-estruturalista é tomado como um produto do discurso e das relações de poder e de saber que são impostas a ele.

Referências:

FOUCAULT, Michel. *Segurança, território e população*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 130p.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2005. 77p.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1987. 120p.

ILLOUZ, Eva. *La salvación del alma moderna: terapia, emociones y la cultura de la autoayuda*. España: Katz, 2010. 316p.

MEYER, Dagmar E. E. As mães como constituintes da maternidade: uma história do passado? *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v.25, n.2, p.117-133, jul./dez.2000.

RUTTER, Virginia Beane. *É uma menina!* Como desenvolver a auto-estima de nossas filhas. Tradução de Andrea Neves Holcberg. São Paulo: Ágora, 1998. 148p.

TUBERT, Silvia. Introducción. In: _____. *Figuras de la madre*. Madrid: Catédra, 1996, p.95-118.

SILVA, Tomaz Tadeu. A pedagogia psi e o governo do eu nos regimes neoliberais. In: _____. (Org.). *Liberdades Reguladas: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu*. Petrópolis, Vozes, 1998.

VEIGA-NETO, Alfredo. Educação e governamentalidade neoliberal: novos dispositivos, novas subjetividades. In: BRANCO, Guilherme Castelo; PORTOCARRERO, Vera. (orgs.). *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: Nau, 2000. P.179-217.